N.º 33 (155) — 3.º ANNO

Terça-feira, 27 de Junho de 1911

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico

Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO

CARICATURISTA
SILVA E SOUSA

ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO»

Redacção e administração: R. da Rosa 162, 1.º, Esq.º — LISBOA

SILVA E SOUZA

Chagas Pança — Ai meu rico senhor que dá cabo dos depositos da nossa santa fé! E agora aonde devemos confiar a nossa... coragem?!!!

A's suas ordens, sr. Couceiro

—

A multidão fremente, em delirio, anciava, pelo momento supremo. Eram 11 horas. Sobem aos ares, foguetes, bons annunciadores e os peitos arfam, os olhos abrem-se, os rostos brilham com um clarão de regosijo. E' o seu ideal triumphante em toda a linha. São annos de esforço, de perseguições, dias negros de lucta tenaz, glorificados n'uma apotheose magnificente, E' a Patria redimida.

A' varanda assume o sr. Malva do Valle Traz um papel. Faz-se um silencio de rumôres vagos e elle começa a não se fazer ouvir. Lê, lê, lê e só algumas palavras chegam aos ouvidos da multidão ennebriada, e contida pelas tropas:... «a fórma... democratica... benemeritos... revolução... viva a...»

Quando elle acaba de não se ouvir a multidão delira.

Chega no entanto á frente outro sujeito.—E' o João de Menezes.—Não é. —E' o Theophilo.—Não é tal, é o da marinha...»

Afinal é o sr. Callixto que vem dizer que a bandeira é a da côr da esperança do povo e do seu sangue e que o hymno é a Portugueza.

Acabado a seu pequeno discurso, pregam uma tareia na desgraçada, tareia que se continua, durante o desfile do exercito. Os soldados vão alegres, riem, dão vivas, cantam, confraternizam com o povo. Em todos os rostos ha só, Felicidade, Bem estar, Paz e Tranquillidade.

E' que para esse dia estava marcada a invasão d'uma pleiade d'homens, debaixo do commando de Paiva Couceiro, tendo por fé, a corôa, e por estimulo o... salvar a patria dos infieis. Podem vir. Todos nós os esperamos e com prazer.

*

Nos dias seguintes no grande casarão de S. Bento a animação é grande e propria das coisas novas.

O sr. Braamcamp occupa a presidencia. Secretariam no os srs. Miranda do Valle e Carlos Callixto. Procede-se á chamada no meio d'um sussurro enorme. Depois um d'aquelles senhores lê a acta da sessão anterior; lê-se o expediente, telegrammas, etc., e o presidente interroga quaes são os srs. deputados que declinam o seu mandato, para ficar liquidado o assumpto e não ser um a um.

Uma vóz—*Não se ouve nada!*

O sr. João de Menezes—*Isto não póde ser, o sr. presidente tem de ser enviado a uma commissão que estude a maneira de se fazer ouvir.*

Vozes—*Apoiado, apoiado.*

O sr. Padua—*Propõe para as sessões começarem ás 3 horas.*

O sr. João de Menezes—*Isso não póde ser. Tem de ser enviado a uma commissão qve estude o assumpto!*

O Presidente—*O sr. Padua requer a urgencia para a discussão da sua proposta!*

Vozes—*Não pode ser. Não pode ser.*

O sr. João de Menezes *requer a urgencia para tratar da hora a que os trabalhos da camara devem começar,—Eu propuz que começassem ás 9 e acabassem á 1 hora.*

Vozes:—*Apoiado!*

Outras vozes:—*A essa hora não se póde estar na camara, mas na cama.*

O sr. João de Menezes—*Isto não pode ser. Tem de ser nomeada uma commissão para saber se ás 9 horas se pode estar na camara se na cama!*

O Presidente:—*Vae-se entrar na ordem do dia.*

Vozes:—*Peço a palavra... peço a palavra...*

O sr. Sá Pereira:—*Eu tambem pedi a palavra.*

O sr. Abel Botelho:—*E eu.*

O sr. Dantas Baracho:—*Tem graça. Tambem eu.*

O sr. Miranda do Valle lê a inscripção e vê se que só não pediu a palavra o deputado por Leiria.

O sr. Baracho requer a contagem. Estão em sala 181 deputados.

*

Em pouca oratoria, e poucas phrases inuteis, a primeira constituição do paiz deu provas já de que está disposta a trabalhar e fazer o que lá nunca se fez. Serenamente sem partidos que se degladiem, mas cada qual guiando-se pela sua consciencia, vão discutindo o caminho seguro e prospero da nação, redimindo o povo, glorificando o operariado.

E, é quando no parlamento se completa mais, a força moral da Republica, força invencivel porque existirá sempre emquanto existir um cerebro e uma consciencia, é quando o povo revolucionario entre na phase do legislar, do caminhar, do trabalhar, que o sr. Couceiro pensou vir por ahi abaixo com duas duzias de moços fidalgos, moços de fretes, moços de padeiros e moços de sachristia.

Que venha. Se uma bala á fronteira não o estatelar como cantrabandista, pode estar certo que a nação estará comsigo. Para ella hoje, o sr. Couceiro não passa d'um louco ou d'um grande intrujão. Louco, *porque só um homem demente ou supinamente* pulha *pensa em perturbar o socego d'um paiz que anceia pela hora redemptora do Trabalho;* Intrujão *porque com os seus collegas tem extorquidos á Santa Egreja alguns pares de contos de réis. Que importa no entanto, se a ordem é rica e os frades são poucos.*

Vinde pois sr Couceiro. Se vós viesseis, far-se-hia justiça, como apregoaes querer fazer. Vinde. Vinde.

Fulano de Tal.

❃

Affonso Costa

Foi com o maior prazer que vimos o nosso querido amigo assistir á proclamação da Republica pelos representantes do povo. Ao contrario do que muitas pessôas, mesmo correligionarios, esperavam o illustre tribuno não peorou por esse facto antes pelo contrario o têr satisfeito esse tão grande como justificado desejo muito contribuiu para que as suas melhoras se accentuassem o que enche de jubilo o coração de todos os patriotas. A redação de «O Zé» enviou um telegramma de felicitações ao denodado republicano fazendo votos para que seja em breve que volte a assumir a gerencia da pasta da justiça onde a sua acção, tão notavel, tem tido o mais caloroso aplauso do publico.

❃

Viva a Republica

Constituintes e o povo

Com a maior imponencia abriu o parlamento no dia 19. A' avenida das Côrtes acorreu a maior multidão que se tem presenciado em Lisboa e essa massa enorme de povo aclamou com delirio a nova forma de governo. As tropas que haviam formado em parada ao desfilarem em frente do palacio das côrtes saudavam com entusiasmo a bandeira verde e encarnada que baptisada com o sangue dos revolucionarios recebeu a mais bella apotheose na inauguração do parlamento. Levantando as armas gritavam com toda a força «Viva a Republica» e o povo secundava com o maior dos entusiasmos os vivas dos soldados.

Está definitivamente proclamada a Republica e agora os «Coiceiros e Coitinhos» que ponham em pratica o seu «terrivel» plano invasôr...

Cá os ficamos esperando preparados para recebermos condignamente esses valentes «heroses»...

❃

Felicitações

O nosso collega de redacção Eurico Zuzarte recebeu no dia 19 telegrammas de felicitações pela definitiva proclamação da Republica dos srs. Jean Pfaffe, Sebastien Thiers e Gustavo Gimenez Rand. A todos o nosso camarada agradece profundamente as felicitações de que foi alvo enviando ao seu particular amigo Gustavo Gimenez um grande abraço de reconhecimento por todas as suas elogiosas referencias ao novo regimen de Portugal. Gustavo Gimenez é um republicano convicto e um grande amigo do nosso paiz que por occasião do recente Congresso de Turismo teve occasião de vêr na magnifica manifestação do povo ás nações estrangeiras na noite da soirée na camara municipal quanto a Republica é querida do povo.

Casos bicudos

Este costume de se chamar todos os nomes feios ao pobre «Zé-Pagante, de se descarregar tudo sobre as costas do pequeno, tambem se ha-de acabar um dia.

O «Zé-Povinho» ha-de deixar de ser embaido pela cantiga dos bem fallantes e ainda por cima infamado e desprezado. Elle ha-de mostrar o que vale e abrir de vez os olhos, para que aquelles que lhe tiram a pelle e fazem d'elle escada politica para subir, lhe não chamem em paga palerma.

E' cantiga muito usada pelos Ravachoes que fallam ao povo, pelos Palma Cavallões que escrevem nas gazetas e pelos Lucianos que da politica fazem modo de vida, que o Povo não está ainda preparado para isto ou para aquillo.

Quando precisam do Povo para se sacrificar como no caso pouco provavel mas não impossivel d'uma invasão do «Coiceiro» então cantam-lhe hymnos, gabam-lhe o coração, invocam o seu heroismo, o seu patriotismo, despejam incenso sobre os seus grandes exemplos de civismo.

Para luctar, para se sacrificar, para morrer, acham elles o Povinho educado.

Estava educado para fazer a revolução e poupar generosamente as vidas aos vencidos. Teve civismo bastante para de pé descalço guardar os bancos do capital seu inimigo, mas não está sufficientemente preparado, para fazer uma greve ou ter uma constituição sem presidente.

Lá isso não. O povo é muito generoso, muito bondoso, muito cheio de civismo, muito mais educado do que muita gente julga, graças a propaganda feita pelos republicanos. E' um povo unico e inegualavel. Deu exemplos de civismo a todo o mundo. Fez uma revolução oomo nenhuma outra. Acceitou e ajudou a cumprir até nas regiões mais atrazadas, e onde se esperava reacção, as leis mais avançadas da republica. E' um povo sem egual, que se mostra educado e que pela educação quer avançar, que trabalha e pelo trabalho ha de progredir e impor-se ao conceito das outras nacionalidades. E' o «nobre Povo»; o «heroe do mar», que «por mares nunca dantes navegadas» foi formar o grande imperio colonial. E' o «povo soberano» que venceu os mouros em Ourique para formar a nacionalidade portugueza. E' o povo livre que derrotou a Hespanha em Aljubarrota porque queria dar o throno ao Mestre de Aviz, que morreu na ponte de Alcantara emquanto a nobreza se vendia e que novamente em 1640 veiu a dar a vida para libertar a patria, a «patria» de que os oradores se servem para o embair.

O povo é tudo isto e ainda muito mais coisas... quando precisam d'elle. Mas é um povo ignorante, um povo atrazado, um bruto, um estupido, um palerma, um «Zé-Palonço», um «Zé-Pacovio», um povo d'um paiz de... cáca, (perdoem-me «volecencias», mas é assim mesmo que elles dizem) um paiz de atrazados e de analphabetos, que não está educado que não tem preparação bastante, para tudo o que representa beneficio directo para si. E tão estupidos nos chamam, tão analphabetos nos dizem, que nos fazem hoje tão atrazados como o povo suisso estava ha seis seculos. Safa, que é ser-mos todos uma data de estupidos e ignorantes!

Ha seis seculos fundava a Suissa um republica sem presidente, e nós ainda hoje, não estamos educados para tal!

Paiz de estupidos!

Parece-nos até que se o governo não manda vir azeite barato de Hespanha, e se não obriga os monopolistas a descarregarem o peixe todo para que elle barateie, é porque não temos a educação necessaria para isso...

Temos que não fazer greves a pedir augmento de ferias, temos que comer as coisas caras e gramar um senado e um presidente, porque somos todos uns burros, umas refinadissimas cavalgaduras, salvo seja e não fazendo offensa a vocelencias!

«Real, real,» pelo presidente «rei» de Portugal!!

*
* *

Uma coisa bonita, digna de se mostrar aos estrangeiros que nos visitam, é a linda collecção de postes de fios que nós temos.

E' uma coisa encantadora e um documento testemunhal e authentico da ideia que por cá se faz da esthetica.

Devem declaral-os monumentos nacionaes, e conserval-os para os legar ás gerações futuras como recordação do nosso gosto artistico. Estou que mettiam n'um chinello as columnas magestosas dos templos romanos.

Nada mais bello para enfeitar uma cidade, do que aquelles mimosos mastros, uns mais baixos, outros mais altos, uns caiados de branco, outros borrados de preto.

Ha-os de todos os gostos e feitios, uns deitados para traz, outros vergados para a frente como velhos alcachinados, uns para um lado, outros para o outro tal como bebedos desencontrados. Alguns estão cheios de arames, outros crivados de pregos e não os faltam tambem ahi com grandes caixas adheridas, como galuchos que marcham para a guerra com a mochila ás costas.

Na rua da Fonte Santa ha um que merecia um logar no museu da revolução. Está enterrado ainda de fora do passeio e quasi que vae cahir sobre o telhado d'um predio.

Se cá escasseiam as estatuas dos poetas e dos artistas, podemo-nos gabar d'esta: não nos faltam columnas dos electricos, paus de fios, postes de annuncios, Kiosques de todos os tamanhos e feitios e somidouros grandes como a rotunda da Avenida!

Louvado seja o senhor, que ainda cá temos coisas que se podem ver!

*
* *

Escreve algures o sr. Julio Carneiro:

«O padre ergue a Custodia e, por entre o cheiro alacre do incenso, expedido pelo thuribulo, convulsivamente agitado, Deus — Supremo Architecto do Universo — baixando do céo, vem depor na bocca das crianças o sello da innocencia»

Bem dizia-mos nós que o pae do ceu tinha adherido. Até o fizeram fiscal do sello!

Viu-se Grego

Tambem nós...

Queixa se o «Correio do Sul» da protecção que a Camara de Almada dispensa aos monopolistas da carne.

Ai, filhinhos, nem só por lá ha escandalosas protecções aos monopolistas.

Tambem por cá temos muito que conversar a esse respeito!

EXCENTRICOS

Pouca sorte

XIII

Ao ver que tenho a «cuia» tão crescida,
E a pobre farpelinha tão coçada,
Ao ver a chapeleta esburacada
E a barriga vasia, desprovida;

Vendo que para mim está perdida
A esperança n'uma vida mais fadada,
Pois qne tenho a algibeira eavasiada
E a alma já ao inferno promettida;

Vendo que o negro azar entrou commigo
Deixando me sem cheta a vil uzura;
Vendo que em vão as damas todas sigo

E ando eternamente á dependura
Dou coices, * zurro, berro, clamo, digo:
«A morte para os tristes é ventura!»

* Sem offensa a *vocelencias.*

Viuse-grego.

SAFA!

O sr. Pedro Muralha foi preso em Beja por suspeita de ter feito umas apreciações a qualquer coisa.

Que grande e horrivel crime o do sr. Pedro Muralha e que grande e refinadissimo «thalassa que é o governador civil!

Ora a chatice!

Cá temos a Republica a fallar no Conde de Armil.

Diabo a leve e mais tanto conde!

Braamcamp Freire

Em 1907, Braamcamp Freire e Augusto José da Cunha enviaram epistolas ao sr. Luciano de Castro pedindo que lhes enviasse as suas cartas e a madeixa pois entre elles tudo estava terminado. Este par de pares do ex-reino, arregalava o olho para o barrete vermelho que então apparecia altaneiro na cabeça do Zé, e ambos se declararam a seu lado. Um ex-presidente da camara passou a presidir comicios e o outro appareceu, propondo se para a vereação da Camara Municipal. A sua intelligencia, a sua ascendencia, os seus *braҫões do paço de Cintra,* os seus amigos, o *Conde de Villa Franca e a inquisição...* monarchica repudiada, fizeram com que d'ella fosse vice-presidente, por mais não poder ser. A Camara Municipal da capital do reino, ser republicana, foi a primeira das victorias dos ultimos tempos que haviam de levar á de 5 d'outubro.

Amigo das lettras, com uma lettra miuda, elle zelou sempre pela capital, ajardinando aqui, limpando alli, pondo musica acolá, não deixando emfim que os interesses do Povo passassem ao *Archivo historico portuguez.*

Proclamada Ella a Assembleia Nacional Constituinte abichou-o tambem para seu presidente.

E apezar dos seus annos de trabalho, profiquo e honrado com viso n'elle, podemos gritar ao paiz:

—«Ha por ahi alguma camara, commissão, trapos, vereação, chumbo ou latão?! —que elle arrostará com o fardo.

Por ora, (o que muitos não fazem...), duas, e viva o velho.

Ora o sujeito...

Diz um chronista:

«O dr. Affonso Costa commove se em extremo e, apesar da sua manifesta fraqueza, leva a mão ao chapeu, agradecendo...»

Que tal está o da rabeca, hein? Este queria o dr. de tal maneira fraco que nem podesse levar a mão á chapeleta!

Tlão-tlão ba-la-lão, que a monarchia acabou a funcção

Os sineiros annunciam ás massas que é consummado o facto

Beijocas e... taponas

I

A Thiers Buas pelo seu anniversario.

Mais uma primavera radiosa
Tu contas meu valente brejeirão,
E levas esta vida assaz maldosa
No meio da parodia e reinação.

Não te off'reço nenhum botão de rosa
Nem gravatas que custe um dinheirão
Porque falta me a massa preciosa
E no meu bolço existe só cotão.

Como te digo não off'reço nada
Mas dedico-te aqui sem mais desdens
Esta minha bem simples versalhada.

(Embora isto não tenha nenhum geito)
Se queres que te dê os parabens
Paga me uma cerveja no «Perfeito».

Zé Ilheu.

— E ainda as mulheres querem ser tudo que os homens são...
— Tudo não, mas alguma coisa...
— Não podem ser!
— Porquê?
— Por muitos motivos.
— Então vá lá dizendo:
— Olhe. Primeiro porque a mulher é mulher e o homem é homem...
— Muito obrigado pela novidade.
— Segundo porque o homem é homem e a mulher é mulher...
— Parece que está a mangar comigo.
— Eu não homem, o que eu quero é convencel o com estes argumentos de arromba...
— Convencer-me de quê?
— De que a mulher é mulher...
— E o homem é homem, não?
— Está claro.
— Essa já você me disse ha pouco.
— Mas ainda lhe digo mais.
— Vá lá dizendo.
— A mulher é doida...
— E você?
— Eu não sou para aqui chamado! A mulher é maluca quando pensa em occupar certos lugares que só de direito pertencem aos homens....
— De direito... torto?...
— Seja como for. A mulher não tem o juizo todo quando quer ser deputada...
— E depois?
— Não tem a pinha no seu logar quando pensa em ser advogada...
— E depois?
— Anda com a *pega* á razão de juros quando quer ser magistrada...
— Pois eu já conheço mulheres medicas, deputadas e até policias.
— Mas isso é no estrangeiro.
— E porque não pode ser cá?
— Eu lhe digo: olhe, você conhece aquelle caso da cobra?...
— Que appareceu na Bôa-Hora?
— Sim, n'um cartorio.
— Conheço.
— Ora calcule você, que na Bôa-Hora já havia magistradas...
— Sim...
— Que tudo aquillo estava cheio de *escrivonas*, inçado de saias...
— Faço ideia.
— E que de repente aparecia a cobra!
— E'na c'os diabos!
— Todas aquellas damas com faniquitos...
— E a fugirem, á *brocha* com as saias...
— E mais, e mais!
— O quê?
— Imagine que em vez d'uma cobra aparecia um lagarto?!
— Ih! com seis-centos demonios! onde é que elle se metteria!

João d'Alem.

❈

Theatro Rocio-Palace

O caso não é virgem. Fizemos sempre referencia ás peças que n'esta casa de espectaculos teem subido á scena e ainda mandavamos o jornal á empreza certo de que este quando o pedissemos não nos negasse entrada. Enganamo nos, A empreza que nunca se lembrou de mandar pagar uma assignatura negou-nos entrada quando lh'a sollicitamos. E' que o dia é uma bebida muito cara, custa a 3000 réis o kilo! Paciencia. Estamos dispensados de «gramarmos de vez em quando para desenjoar atrepadeira que dá accesso aos dominios do sr. Anedda.

❈

QUE MISERIA

Segundo o sr. Hermano Neves na Constituinte não se viu nem um só d'aquelles «vestons» de corte irreprehensivel, com flôr na botoeira.

Aquillo é uma assembleia de gebos mal apanhados.

❈

Numeros especiaes do nosso jornal

—

O Zé publicará muito breve dois numeros extraordinarios, sendo o 1.º dedicado ao actual presidente da Assembléa Constituinte, Anselmo Braamcamp, afim de todos os collecionadores do nosso jornal adquirirem uma recordação d'essa Assemblêa e melhor não l'ha poderiamos dar do que o retrato em pagina central do primeiro presid nte da dita Assembléia. O 2.º numero será dedicado ao Porto. a cidade invicta, do 31 de Janeiro e companheira fiel em todos os movimentos revolucianarios da sua irmã Lisboa, inserindo esse numero o retrato do seu actual governanador civil dr. Nunes da Ponte e os deputados ultimamente eleitos.

Gustavo Bordallo Pinheiro

—

Na sua exposição no atelier da rua do Thesouro Velho quedá-mo-n'os a pensar que sempre é verdade filho de peixe saber nadar. No meio de toda aquella arte... argillosa, desde o cinzeiro bandeira nacional verde e encarnada, á rã verde, ao par de jarras tudo sentimos ser portuguez, uma arte finamente typica, gloria da nossa terra, inveja das outras «terras... cottas polychromas.»

Pareceu-n'os ver no trabalho do filho, o dedo do pai pondo-lhe «os pontos nos ii» e aconselhando-o a fazer «parodia» ao homem feito de barro vil.

E aquella arte é vendida, á disputa, á porfia, causando me, talvez penna ao vê-l'a na mão papuda do burguez, e luxo da sua vida estupida.

Eu queria todos aquelles mimos guardados n'um museu onde se pudessem admirar pelos artistas verdadeiros; mas... não se vive d'arte e ella vende-se como milho... que elle barro!

A Manuel Gustavo as nossas felicitações pelas recordações e impressões da visita aos seus salões.

A. F.

❈

Epigrammas

—

(De *Viu-se Grego*).

XII

O ministro do fomento
Fez um grande figurão
Entrando no parlamento
Fardado de capitão.
Foi um delirio medonho
Quando o viram tão risonho,
E até o cabo da guarda
De pasmo perdeu a pinha,
Ao ve-lo assim c' uma farda,
C' uma farda tão limpinha!

Era tempo de sobejo
De vestir farda dourada
E offertar a um persevejo
A fatiota coçada
Que lindo se apresentou!
E assim não só apanhou
A carta de deputado
D'esta patria á «pindureza,
Como tambem o attestado
O attestado de limpeza!!

Casos das ruas, largos, becos, travessas e avenidas

Um electrico sem rei nem roque—Hontem seria meia noite e um quarto quando um carro electrico que descia a rua dos Anjos completamente cheio com espectadores da bella revista que está em scena no «Moderno» partiu-se lhe o freio vindo em carreira desordenada até ao Rocio onde parou por não se sentir com coragem para avançar com o Zé Gordo.

Não houve desastres pessoaes e os passageiros não ligaram grande importancia á occorrencia, pois nem por um momento deixaram de pensar das magnificas piadas que tinham ouvido.

Um homem esmagado—Manuel Gregorio da Costa, quando hontem esperava nas «Variedades» no meio de enorme multidão a hora da segunda sessão da revista ali em scena, foi esmagado por esta, tão violento foi o apertão que o desgraçado soffreu. E' deveras lamentavel tão triste occorrencia parecendo que a policia está na disposição de não permittir as representações de peças tão engraçadas como o «Pó de Perlimpimpim para que taes factos se não repitam.

Quantos são elles?—Na praça da Figueira houve hontem pelo meio dia um sarilho medonho, motivado por umas peixeiras e uns saloios se acalorarem na discussão sobre qual era o melhor animatographo de Lisboa. Andaram na balha o *Foz, Olympia, Chiado Terrasse, Trindade, Central, Paraizo de Lisboa* e *Etoele*. Effectuaram-se algumas prisões que se não mantiveram.

O reporter

Zé Pimenta.

❦

Bem se vê que é Mathias

A Irmandade do Santissimo abichou nada menos de 760$000 rs. que lhe deixou um tal Mathias Coelho.

Palerma do «Mathias», se havia de deixar a «massa» á gente!...

❦

A SAHIR

na presente semana

Homenagem ao incançavel ministro da justiça **Dr. Affonso Costa.**

4.ª EDIÇÃO

Na proxima semana

Homenagem a José Relvas, a Antonio José d'Almeida, *segundo imediatamente a publicação dos retratos dos restantes ministros.*

Preço de cada exemplar impresso em magnifico papel couchét 50 reis.

Pedidos á administração d'O Zé.

R. da Rosa 162, 1.º Lisboa.

O Poema da Rua

XVII

Em que o auctor se convence de quanto é ingrata a humanidade que não acudiu ao seu brado afflictivo; e, depois de longas horas de porfiado esforço, descalsos e ensanguentados os pés, feridas as mãos, o nariz pingando sangue, o fato cheio de rasgões, consegue gatinhar pela cova acima. Agarrando-se a uma taboa providencial, vê-se, emfim, em porto de salvamento.

Nesse instante rompia no purpureado ariente o sol creador, e o poeta, ao ver a lampada divina ascendendo no céu, atira-lhe á cara com o seguinte soneto:

O Sol, banha-me a face, immunda-m'a de luz
O' lampada divina, ó astro aurifulgente!
Guia-me tu na rua, abençoado e quente,
Que vêr-me em tal martyrio, ó Sol! nunca suppúz!

Secca-me tu o pranto, ai secca-me este jús,
Que das fridas me corre, ingenuo impertinente,
Tem piedade de mim, farol de luz ardente,
O' astro a quem eu quero—oh sim!—mais que a Jesus!

Se tenho de cair n'uma outra cova escura,
E de novo soffrer tamanha desventura,
O' Tu que raios tens n'uma abundancia, á farta...

Livra-me d'esse horror, d'esse tormento atroz;
Manda-me lá dos céus,—attende a minha vóz!—
Um raio que me parta...

Manoel Chagas (Pardiélo)

❦

Tal 'stá a coisa?!

Dizia uma gazeta:

«Não ha ali disciplina, nem soldados, nem officiaes, nem povo. São todos cidadãos».

Mas que demo de cidadãos são estes que não são povo?

Ora o diabo não tem somno...

Leal da Camara

Chega hoje a Lisboa este illustre artista que depois de uma longa ausencia no estrangeiro, vem visitar a sua terra já livre do regimen que elle nas paginas da «Corja» e da «Marselheza» tanto combateu com o seu lapis satyrico e demolidor.

Leal da Camara é um nome inconfundivel na arte e muito tem honrado Portugal lá fora com os seus trabalhos de valor.

Vem fazer conferencias sobre caricatura e nós lá estaremos a ouvil-o n'um assumpto que tão desconhecido é em Portugal e em que elle tanto nos deve ter a dizer.

Epitaphios

I

Aqui descança o Faria
Barbeiro eximio e cortez;
Cada barba que fazia,
Dava um lenho no freguez.

II

Aqui jaz o Aguiar
Que uns «faias» anavalharam;
Morreu cahido a gritar
—Ai Jesus, que me mataram!

Viu-se Grego.

«D'O Seculo»:

Lua

Só duas? Que impaciencia espero á uma hora. Saudades, tua L.

Só duas? Que impaciencia
De que ella está apossada
A' espera de vocencia
A' horasinha indicada.

E' demais; a pobre lua
Espera, geme e dá ais...
Ella promette ser sua
Mas... só duas não! Quer mais

Do mesmo periodico.

Recebi bastante amarrotado o teu postal que me prometteste. Mil b. tua Ignez.

Recebeu, teve presente,
O seu postal illustrado,
Que por signal, seu pingente
Ia muito amarrotado!

'Té o guardou junto ao seio
E ficou muito admirada,
D'essa coisa desejada,
Se mandar pelo correio,
E pede-lhe a sua Ignez
N'um dito divinisado
Que ao mandar-lh'o outra vez
Não lh'o mande amarrotado!

Viu-se Grego & Zé Ilheu.

Já Toscaram?!

Vocês já viram a estatua do Fernandes Thomaz com aquelle gesto furioso de orador?

Era assim que devia estar o senador espanhol quando no furor do seu rasgo oratorio deixou cahir as calças e as ceroulas!

❦

2.ª EDIÇÃO

A' ultima hora

Fômos informados pelo telephone á hora de fechar o jornal de que marcharam para a rua de Santo Antão, varias forças de policia e da guarda republicana.

Seguiu immediatamente para ali o nosso reporter que tambem pelo telephone nos põe ao facto do que se passa. O publico que enchia completamente o *Colyseu dos Recreios*, terminado o espectaculo rompeu nas mais enthusiasticas ovações a toda a companhia e ao emprezario, o nosso amigo Antonio Santos e como estes ameaçassem não mais acabar foi necessario a intervenção da policia para que a sala fôsse evacuada. Não nos admira que tal tenha succedido. O publico não estando costumado a apreciar uma companhia de operetta tão distincta é logico que patenteia o seu reconhecimento ao emprezario que a trouxe á capital e a sua simpathia aos illustres artistas que d'ella fazem parte.

AS CASTAS DOS CONSPIRAS

—... e o senhor tambem é accusado de conspirar.
MEDICO — Elle era bem mau, deixava 2$500 réis cada conspirador!...